

Índice

Primeira Parte: Ascensão	11
Segunda Parte: A Terra no Inverno	195
Terceira Parte: Vive a Tua Vida	349
Agradecimentos	379

PRIMEIRA PARTE

Ascensão

7 de dezembro de 1962

1

Ele estava deitado sobre a tábua de madeira envernizada que cobria a parte de cima de um radiador. A tábua tinha exatamente a largura dos seus ombros e a experiência ensinara-lhe, dolorosamente, que tinha de se levantar como um homem que emerge do seu próprio caixão. Se rolasse sobre si próprio, acabaria no chão.

Acima do radiador, uma janela alta estava coberta por um cortinado fino, às riscas verdes, castanhas e vermelhas. Ele ergueu-o num canto e espreitou para fora. Espaço profundo, o coração da noite, uma solitária luzinha vermelha a brilhar por entre a névoa acima da porta do departamento de reabilitação.

Que horas eram? Ele deduzia-o a partir do ar, das muitas pequenas pistas que ele lhe dava. Presenças, ausências. Quando ali chegara, tinha um relógio com uma pulseira de couro castanho, um dos melhores objetos que possuía. Conseguira conservá-lo durante duas semanas, até lho roubarem. Ele sabia quem tinha sido: um tipo que morrera asfixiado no refeitório, seis meses depois, ao inalar uma colherada de puré de batata. O relógio devia ter sido entregue à família do morto, juntamente com uma dúzia de outros pertences que se encontravam no seu cacifo. Os familiares devem ter ficado intrigados com o bonito relógio, cuja existência ignoravam.

Deixou a cortina cair. Perguntou-se o que o tinha acordado. Não ouvira gritos, nem ruídos de passos apressados, nenhum alarme. O local estava silencioso. O espaço onde se encontrava, uma sala comum, uma sala grande e de teto alto, estava deserta. Mas havia ali qualquer coisa de diferente. Algo havia caído ou ascendido.

Deu um impulso às costas para se sentar sobre a tábua, as pernas a balançar. Alisou o cabelo (ainda tinha algum) e olhou para o fundo da sala. As rígidas mesinhas com as suas rígidas cadeiras, os cinzeiros de alumínio. Numa das paredes, aparafusado e fora do alcance, havia um quadro com balões de ar quente; na parede oposta, igualmente aparafusada e fora do alcance, estava uma fotografia da rainha no dia da sua coroação.

Excetuando os sapatos, ele estava completamente vestido. Um fato castanho às riscas com um casaco de lã por baixo, oferecido pela sua filha mais nova no Natal passado, ou no anterior. Um casaco de lã vermelha, quente, que lhe ficava um pouco largo, ou que começava a ficar largo de mais. A filha mais velha tinha deixado de vir há anos. Isso devia tê-lo preocupado em tempos. Hoje já não.

Acordado agora, sentindo a lucidez daqueles intervalos em que as coisas que eles lhe davam tinham perdido o efeito, levantou-se, firmou-se nas pernas e saiu. De meias, conseguia andar quase sem ruído. Da sala comum, passou ao corredor. O chão da sala comum era de madeira, mas no corredor havia ladrilhos de linóleo, geometrias de cores vivas. Era preciso ter cuidado para não nos perdermos naquilo, para evitar pisar apenas os quadrados verdes, ou acabar encalhado num triângulo vermelho. Os ladrilhos eram novos e faziam parte de um plano para alegrar o local. O diretor fizera-lhes uma visita. Falara-lhes na capela após a missa de domingo, atrás do púlpito de madeira preta. «Estamos num tempo de mudança, minhas senhoras e meu senhores! Estamos a entrar na era das oportunidades!» Umas semanas depois chegaram os ladrilhos e foi instalado um altifalante no refeitório, que tocava

repetidamente as mesmas três valsas até que o tipo novo, o de casaco da tropa e cara marcada por cicatrizes, lhe atirou com uma cadeira.

A porta do escritório estava aberta. Na poltrona, uma figura de casaco branco ressonava baixinho. Ian, que esta semana fazia o turno da noite. Em cima do armário de arquivo, perdido entre duas estações, o rádio silvava como numa fuga de gás e, de repente, falou, fazendo uma pergunta numa língua que ele não conhecia. Ao lado do rádio estava uma garrafa de cerveja vazia e um maço de *Woodbines* sem filtro. Ele inclinou-se e tirou um dos cigarros que restavam, guardando-o no bolso do casaco. O relógio do escritório indicava cinco menos dez.

Depois de se passar o escritório, chega-se às enfermarias das traseiras. Cada uma delas tinha o seu próprio nome, e esta era a Farmer. Vinte camas de um lado, vinte do outro. Ao longo da sala, as luzes noturnas espalhavam um clarão como de cera derretida. Ele atravessou o corredor central, observando as cabeças adormecidas e os poucos que o seguiam com os olhos. A essa hora não havia conversas, nem gemidos. De todas as horas do dia ou da noite, esta era a mais vazia. Lá fora, na rua, não havia ninguém a entrar ou a sair. No interior, até os mais insones se achavam por fim esgotados. Faltavam outras duas horas para a mudança de turno.

Aproximou-se da sua própria cama, com o seu nome, Martin Lee, escrito acima do gancho onde deixara pendurado o seu outro casaco. Mais adiante, do mesmo lado, parou junto à cama de ferro de Stephen Storey. Os lençóis estavam puxados para cima, a cobrir uma almofada, o leve e falso contorno de alguém a dormir — suficientemente bom, talvez, para enganar alguém que olhasse da entrada.

Fora *isto* que o acordara? Stephen? Ele era a criança da enfermaria e voltaria para casa em breve, por certo antes do Natal. Um jovem com a infância dois passos atrás de si, que escrevia

com uma caligrafia miúda e cuidadosa em pequenos cadernos que a mãe lhe trazia. Nas primeiras semanas, quando chegara numa ambulância vagarosa, vindo de algum sítio onde não o queriam ou não o conseguiam aturar, o rapaz cortava as mãos com qualquer objeto que tivesse um gume, mas eles deviam ter feito alguma coisa bem, porque ele parou com isso. Jogava partidas de xadrez com qualquer pessoa que aceitasse o desafio. Recentemente, havia estado na bancada de trabalho ao lado de Martin, na aula de carpintaria do Sr. Hitchcock. Faziam brincedos, de todos os tipos, barquinhos, pistolas de brincar, piascas. O rapaz tinha cabelo castanho, comprido, e um sorriso tímido, embora encarasse as pessoas com suficiente firmeza. Uma vez tinha sido apanhado a cantar, completamente só, no abrigo junto ao campo de futebol. Até as pessoas que administravam aquele sítio conseguiam ver que o rapaz merecia um futuro. Então, onde é que ele se metera?

Para lá da enfermaria ficava a casa de banho. Martin procurou-o aí, entre as torneiras a pingar e um cheiro a toalhas molhadas. Na casa de banho não havia luzes noturnas, mas a luz de uma lâmpada exterior entrava por uma das janelas cobertas de geada. Ouvia o silvar de uma torneira. Deu com ela e colocou os dedos sob um fio de água. Logo acima, numa prateleira, havia uma garrafa de vidro achatada. Pegou nela e sacudiu-a. Meio cheia? Voltou a pousá-la na prateleira e fechou a torneira. Atrás dele estavam os compartimentos, mas não se preocupou em revistá-los. Mesmo perfeitamente imóvel, em perfeito silêncio, um ser humano crepita como uma antena de rádio, e ele sabia que não estava mais ninguém ali.

Outra porta, por vezes fechada à chave, outras vezes não. Nessa noite, abriu-se com um empurrão. Ali terminavam os ladrilhos coloridos; a partir dali caminhava-se sobre pedra. Procurou o interruptor. Tudo o que se acendeu foi uma lâmpada sob um quebra-luz de metal, a dez metros de distância, onde o corredor se

cruzava com outro. De ambos os lados havia pesadas portas com ferrolhos e vigias. A maioria dos quartos a que elas davam acesso era usada agora como arrumos, embora um deles conservasse o seu antigo uso. Espreitou pela vigia e viu escuridão empilhada como carvão numa cave. Dizia-se que certas partes do edifício (incluindo aquela) estavam assombradas, mas isso não o perturbava. Achava que se pudesse dar uma ajuda a um fantasma, fá-lo-ia, e que eles tinham consciência disso.

Na junção dos dois corredores, deteve-se sob a lâmpada. Se virasse à direita iria dar à saída de emergência. Se virasse à esquerda iria ter à lavandaria. Virou à esquerda. Podia sentir a presença de Stephen à sua frente, bem perto. À medida que se afastava da lâmpada, o corredor ia ficando mais escuro, mas conseguia ver o caminho, e poderia tê-lo encontrado mesmo sem luz nenhuma. As portas duplas da lavandaria estavam abertas e ele entrou. No chão havia sulcos deixados pelas rodas dos carrinhos. Caminhou cuidadosamente por entre as tinas de aço e as estranhas máquinas que torciam e passavam a ferro os lençóis. Eram mulheres que faziam o trabalho. Era possível vê-las à tarde, enquanto voltavam em fila para o seu lado do hospital, com as suas batas azuis.

Ao lado da lavandaria ficava a sala de secagem. Lençóis pendurados em estendais de madeira suspensos no teto. Uma lâmpada elétrica ao lado da caldeira dava à sala um fulgor frio e azulado, de luar. Havia um cheiro a lixívia, e um leve amargor, como a coisas que é impossível lavar completamente. No centro da sala havia uma mesa suficientemente grande para vinte pessoas fazerem um banquete. Estava coberta de toalhas e de lençóis dobrados, pilhas deles. Stephen Storey estava deitado de costas em cima da mesa, inteiramente vestido, mas sem as botas. Tinha os olhos fechados, a boca ligeiramente entreaberta. Uma das mãos repousava sobre a fivela do cinto, enquanto a outra tinha caído para o lado e estava estendida, com a palma para cima, ao lado do tecido

preto das suas calças. Preso à sua gravata por uma mola da roupa estava um envelope no qual se lia *A quem possa interessar*. Era um envelope do hospício. Num qualquer momento, ele devia ter ido ao escritório para o pedir a uma enfermeira.

Martin tocou-lhe na face, no pescoço. A pele ainda não estava fria, mas estava mais fria do que o ar à sua volta, como uma faca numa gaveta. Disse em voz baixa «Stephen», como se chamasse alguém adormecido, e durante um minuto ficou ali parado, uma sombra estacada entre as vozes abafadas do seu passado. Pensou em abrir um dos lençóis e estendê-lo sobre ele, mas Stephen poderia ter feito isso sozinho. E não havia ali nada de indecente. Ele já tinha visto coisas indecentes, parara diante de uma havia dezassete anos com a sua câmara, num dia de abril, no meio de uma floresta algures entre o Weser e o Elba. Não havia ali nada que precisasse de ser escondido ou enterrado à pressa. A sala era acolhedora, à sua maneira, como os bastidores de um teatro, o tipo de local que ele próprio podia ter escolhido, que ainda poderia vir a escolher.

Afastou-se da mesa, parou, fez a vénia mais profunda que as suas rígidas costas lhe permitiam e voltou para o corredor. Passou por debaixo da lâmpada solitária e continuou até chegar à porta da saída de emergência. Meteu a mão no bolso do casaco de lã para tirar o cigarro, palpou o casaco à procura de um fósforo, encontrou-o e acendeu-o na parede. Quando ali chegara, não lhe permitiam ter fósforos, por motivos óbvios, embora a partir de dada altura (aquando do segundo choque, do terceiro?) ele tivesse perdido a sua fé no fogo.

Encostou-se à parede a fumar. Os *Woodbines* eram produzidos numa fábrica da cidade. Era um sítio onde normalmente se conseguia emprego, especialmente mulheres e raparigas. Alguns do hospício tinham trabalhado lá, e outros tinham feito o percurso inverso, do hospício para a fábrica. Havia uma espécie de intercâmbio entre uma e outro. Continuou a fumar até sentir as brasas

na pele dos dedos. Apagou o cigarro na parede, soltando faúlhas para o chão.

Entre a sala de trabalhos em metal e a porta da saída de emergência havia um botão de alarme numa caixa, protegido por um vidro. Deu uma cotovelada no vidro, carregou no botão de metal recortado, empurrou a barra da porta e saiu para o que restava da noite. Havia um nevoeiro denso. Mal se conseguia ver a capela. A ala das mulheres estava completamente oculta. Um cheiro a valas, a campos invernais. O mar? Fez-se ao caminho. O nevoeiro abria e fechava à sua passagem. Tantos sonhos como este! Atrás dele, acendiam-se as primeiras luzes, e por trás dos finos cortinados o edifício começou a rugir.